

# o livro da saudade sue monk kidd

Tradução de Sónia Maia



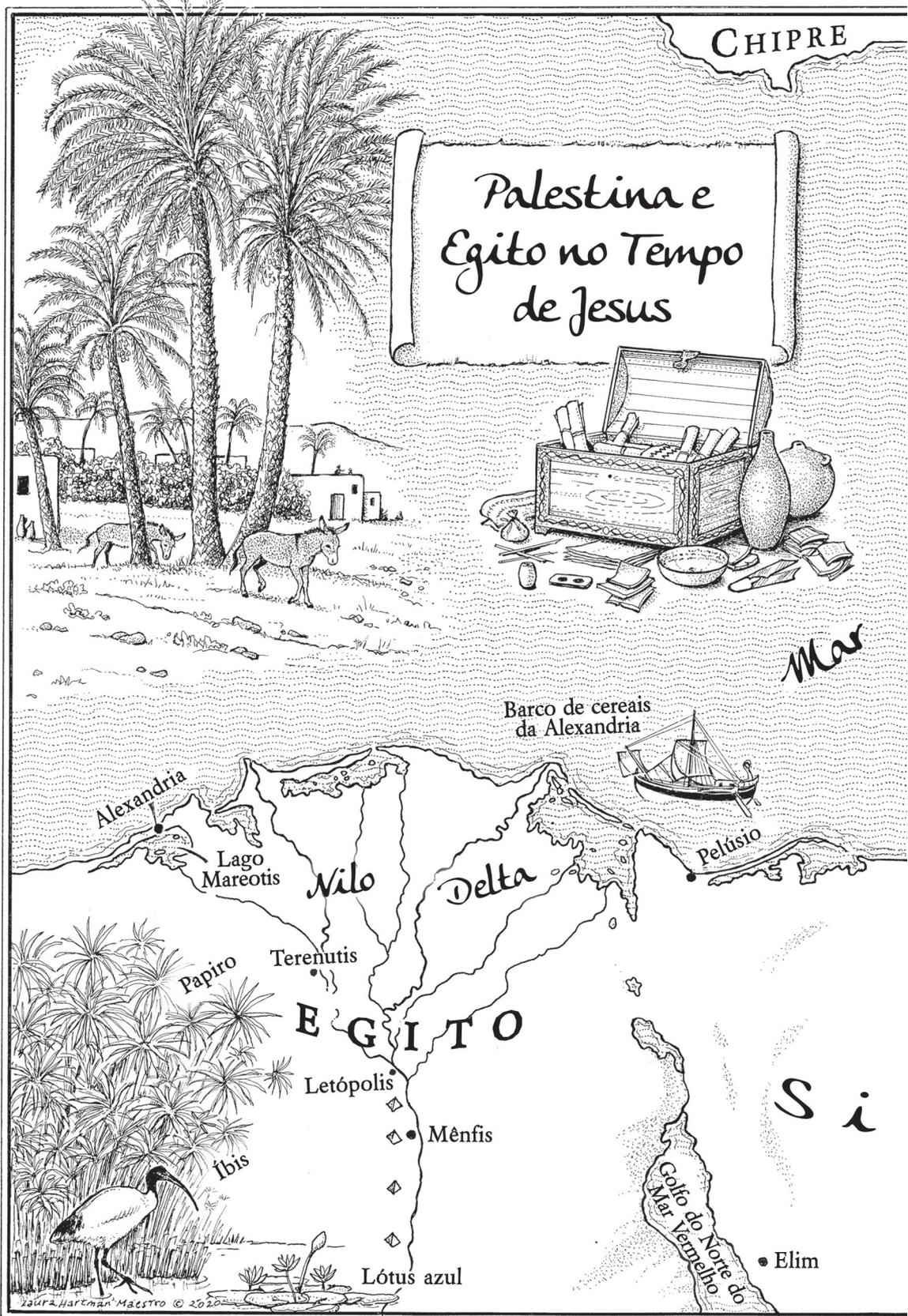
*Para a minha filha, Ann,  
com todo o meu amor*

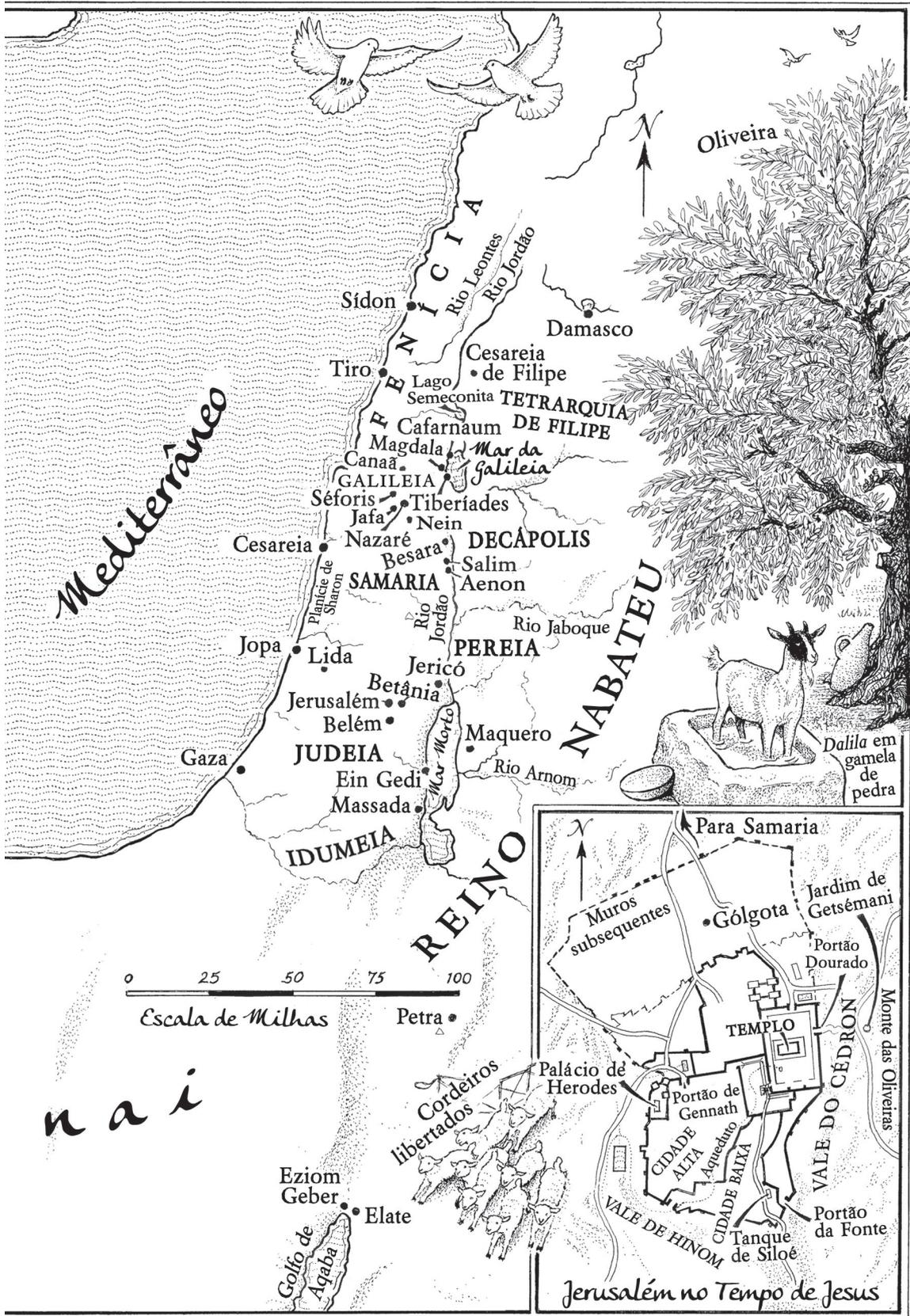
Eu sou a primeira e a última  
Eu sou a que é honrada e a que é troçada  
Eu sou a prostituta e a santa  
Eu sou a esposa e a virgem  
Eu sou a mãe e a filha  
Eu sou ela...  
Não temam o meu poder...  
Eu sou a sabedoria do meu nome  
Eu sou o nome do som e o som do nome

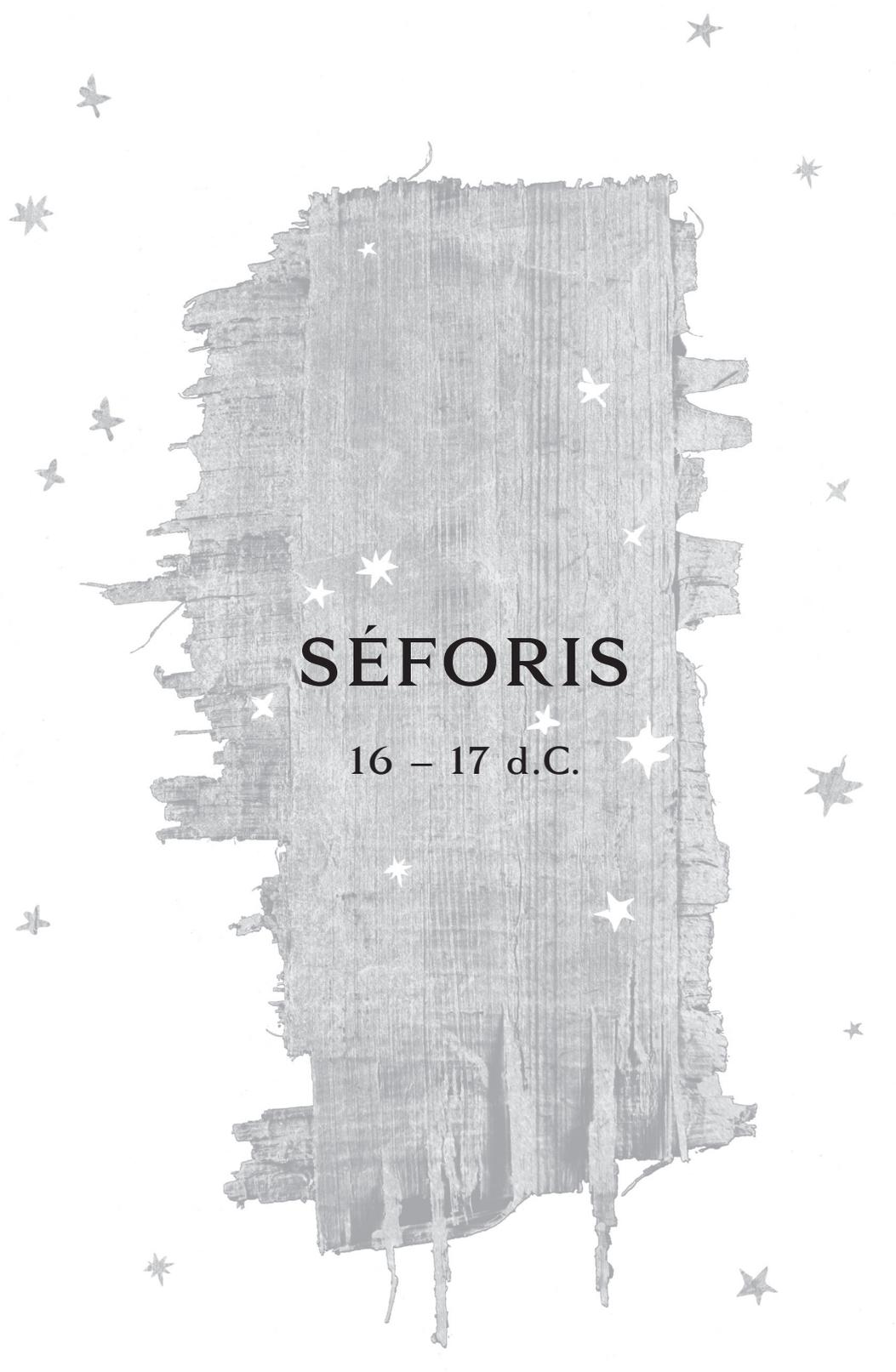
***TROVÃO: MENTE PERFEITA***

Chama a ti mesmo como bates a uma porta,  
e anda sobre ti mesmo como numa estrada reta.  
Pois, se andares nessa estrada, não poderás perder-te,  
e o que abrires sozinho abrir-se-á.

**EVANGELHO DE SÃO TOMÉ**







# SÉFORIS

16 – 17 d.C.

## i.

SOU A ANA. FUI A MULHER DE JESUS, FILHO DE JOSÉ DE NAZARÉ. Chamava-lhe Meu Amado e ele, rindo-se, chamava-me Trovãozinho. Ele dizia que ouvia rumores dentro de mim enquanto eu dormia, um som como trovões muito para além do vale Nahal Tzipori, ou mesmo mais longínquos, para lá do Jordão. Não duvido de que ele ouvisse alguma coisa. Durante toda a minha vida, os desejos viveram dentro de mim, erguendo-se como noturnos para gemerem e cantarem através da noite. O facto de o meu marido inclinar o seu coração para o meu, na nossa fina esteira de palha, e escutar era a amabilidade que eu mais apreciava nele. O que ele ouvia era a minha vida a suplicar para nascer.

## ii.

O MEU TESTEMUNHO COMEÇA NO DÉCIMO QUARTO ANO DA MINHA vida, na noite em que a minha tia me conduziu até ao telhado plano da grande casa do meu pai, em Séforis, levando consigo um objeto arredondado embrulhado em linho.

Eu segui-a pelo escadote acima, observando o embrulho misterioso, que ela levava atado às costas como se fosse uma criança recém-nascida, incapaz de adivinhar o que escondia. Ela trauteava uma canção hebraica acerca do escadote de Jacob, e fazia-o bastante alto, fazendo-me recear que o som entrasse pelas janelas em fenda da casa e acordasse a minha mãe. Ela proibira-nos de irmos juntas para o telhado, com medo de que Ialta me enchesse a cabeça de temeridades.

Ao contrário da minha mãe, e de todas as mulheres que eu conhecia, a minha tia era instruída. A sua mente era um país imenso e selvagem que transbordava para além das suas fronteiras. Ela invadia tudo. Chegara a nossa casa, vinda de Alexandria, há quatro meses, por motivos dos quais ninguém falava. Eu nem sabia que o meu pai *tinha* uma irmã, até que, um dia, ela apareceu vestida com uma túnica simples e sem cor, erguendo o corpo pequeno com orgulho, de olhos brilhantes. O meu pai não a abraçou,

nem a minha mãe. Deram-lhe um quarto de criada virado para o pátio superior e ignoraram as minhas perguntas. Também Ialta as evitou.

— O teu pai fez-me jurar não falar do meu passado. Ele prefere que penses que caí do céu, como caca de pássaro.

A Mãe dizia que Ialta tinha uma boca impudica. Por uma vez, estávamos de acordo. A boca da minha tia era um manancial de elocuições excitantes e imprevisíveis. Era disso que eu mais gostava nela.

Essa noite não foi a primeira vez em que nos esgueirámos para o telhado depois de anoitecer para fugirmos a ouvidos indiscretos. Junto a mim, sob as estrelas, a minha tia falou-me de raparigas judias em Alexandria que escreviam em pranchas de madeira que continham várias lâminas de cera, dispositivos que eu mal conseguia imaginar. Contou-me histórias de mulheres judias que aí viviam e lideravam sinagogas, estudavam com filósofos, escreviam poesia e possuíam casas. Rainhas egípcias. Faraós femininos. Grandes Deusas.

Se o escadote de Jacob chegava ao céu, o mesmo acontecia com o nosso.

Ialta não vivera mais de quatro décadas e meia, mas as suas mãos já estavam a tornar-se nodosas e deformadas. A pele caía-lhe em pregas sobre as faces e o seu olho direito estava tombado, como que murcho. Apesar disso, ela subia os degraus agilmente, uma aranha graciosa e trepadora. Vi-a içar-se sobre o cimo do escadote para o telhado, com a bolsa que carregava às costas a balouçar de cá para lá.

Instalámo-nos em esteiras de erva, de frente uma para a outra. Era o primeiro dia do mês de Tishri, mas as frias chuvas de outono ainda não tinham chegado. A Lua estava pousada sobre as colinas como uma pequena fogueira. O céu, sem nuvens, era negro, cheio de cinzas. O cheiro a pita e a fumo dos fogos de cozinhar pairava sobre a cidade. Eu ardia em curiosidade de saber o que ela escondia no seu embrulho, mas ela tinha o olhar perdido na distância, sem falar, e eu obriguei-me a esperar.

OS FRUTOS DA MINHA PRÓPRIA AUDÁCIA ESTAVAM ESCONDIDOS DENTRO de uma arca de cedro esculpida, a um canto do meu quarto: papiros enrolados, pergaminhos e pedaços de seda, todos cobertos da minha escrita. Havia canetas de cana, uma faca para as aguçar, uma tabuinha de madeira de cipreste, frascos de tinta, uma paleta de marfim e alguns pigmentos preciosos que o meu pai trouxera do palácio. Os pigmentos já estavam quase

todos gastos, mas, no dia em que eu abrira a tampa para os mostrar a Ialta, ainda estavam luminosos.

Eu e a minha tia tínhamos ficado ali de pé, baixando os olhos para toda aquela glória, sem que nenhuma de nós falasse.

Ela estendera a mão para a arca e tirara de lá pergaminhos e rolos. Pouco tempo antes de ela chegar, eu começara a escrever as histórias das matriarcas das Escrituras. Ouvindo os rabinos, pensar-se-ia que as únicas figuras merecedoras de menção em toda a história eram Abraão, Isaac, Jacob e José... David, Saul, Salomão... Moisés, Moisés, Moisés. Quando, finalmente, consegui ler as Escrituras sozinha, descobri (surpresa!) que havia lá mulheres.

Ser-se ignorada, esquecida, é a pior tristeza de todas. Jurei registrar os seus feitos e louvar os seus progressos, por muito pequenos que fossem. Seria uma cronista de histórias perdidas. Era exatamente o tipo de audácia que a Mãe desprezava.

No dia em que abri a arca perante Ialta, já tinha terminado as histórias de Eva, Sara, Rebeca, Raquel, Lia, Zilpa, Bila e Ester. Mas ainda havia tanto a escrever — Judite, Dina, Tamar, Miriam, Débora, Rute, Hanna, Batseba, Jezebel.

Tensa, quase sem fôlego, vira a minha tia estudar atentamente os meus esforços.

— É como eu pensava — disse ela, de face candente. — Foste muito abençoada por Deus.

Aquelas palavras.

Até esse momento, eu pensara que era simplesmente peculiar — um desvio da natureza. Uma inadaptação. Uma maldição. Há muito que sabia ler e escrever, e tinha capacidades invulgares para combinar palavras e fazer histórias, para decifrar línguas e textos, para captar significados ocultos, para manter ideias contraditórias na mente sem conflito.

O meu pai, Matias, que era chefe dos escribas e conselheiro do nosso tetrarca, Herodes Antipas, dizia que os meus talentos eram mais adequados a profetas e messias, a homens que abriam mares, construía templos e conferenciavam com Deus no cimo de montanhas, ou, já agora, a qualquer homem comum e circuncidado da Galileia. Só depois de ter aprendido hebraico sozinha e de ter insistido e implorado muito é que ele me permitiu ler a Torá. Desde os oito anos que eu lhe suplicava tutores que me ensinassem, rolos para estudar, papiros para escrever e corantes para misturar e criar as minhas próprias tintas e, muitas vezes, ele fazia-me a vontade — se o fazia

por respeito, fraqueza ou amor, eu não saberia dizer. As minhas aspirações embaraçavam-no. Quando não conseguia subjugar-las, encarava-as com ligeireza. Gostava de dizer que o único rapaz da família era uma rapariga.

Uma criança tão estranha como eu requeria uma explicação. O meu pai sugeriu que, enquanto Deus estava a formar-me na barriga da minha mãe, se distraíra e, por engano, me dotara com dons destinados a algum pobre rapazinho. Não sei se ele se apercebia da afronta que isto constituía a Deus, a cujos pés ele depositava o erro.

A minha mãe acreditava que a culpa era de Lilith, um demónio com as presas de uma coruja e as asas de um pássaro repugnante que procurava bebés recém-nascidos para matar, ou, no meu caso, para profanar com tendências antinaturais. Eu vim ao mundo durante uma violenta chuvada de inverno. As idosas que faziam os partos recusaram-se a sair de casa, embora o meu pai, um homem de posição elevada, as ter mandado chamar. A minha mãe, desesperada, sentara-se na cadeira de dar à luz sem ninguém que lhe atenuasse a dor ou que nos protegesse de Lilith com as devidas orações e amuletos, por isso foi a sua criada Shipra que teve de me dar banho em vinho, água, sal e azeite, de me embrulhar em faixas a fazer de fraldas e de me enfiar num berço, onde Lilith poderia encontrar-me.

As histórias dos meus pais entranharam-se-me na carne e nos ossos. Não me ocorrera que as minhas capacidades tivessem sido intencionais, que Deus tivesse *querido* conceder-me essas bênçãos. À Ana, uma rapariga com caracóis negros desordenados e olhos da cor de nuvens de chuva.

AS VOZES FLUTUAVAM, VINDAS DE TELHADOS PRÓXIMOS. O CHORO DE UM bebé, uma cabra a balir. Finalmente, Ialta estendeu a mão para trás de si, para o embrulho, e abriu o pano de linho. Retirou lentamente as várias camadas, de olhos acesos, deitando-me olhares rápidos.

Ergueu o conteúdo. Uma taça de calcário, brilhante e redonda, uma lua cheia perfeita.

— Trouxe-a comigo de Alexandria. Quero que fiques com ela.

Quando a colocou nas minhas mãos, um estremecimento sacudiu-me o corpo. Passei as palmas das mãos pela superfície macia, a abertura larga, as volutas leitosas na pedra.

— Sabes o que é uma taça de encantamento? — perguntou ela.

Abanei a cabeça. Só sabia que devia ser alguma coisa de grande

magnitude, alguma coisa demasiado perigosa ou maravilhosa para ser mostrada em qualquer outro sítio que não no telhado, às escuras.

— Em Alexandria, as mulheres rezam com elas. Escrevemos a nossa oração mais secreta dentro delas. Assim. — Colocou um dedo dentro da taça e moveu-o numa linha em espiral em volta das faces interiores. — Todos os dias, cantamos a oração. Ao fazê-lo, viramos a taça em círculos lentos e as palavras ganham vida e saltam para o céu.

Eu fixei o objeto, incapaz de falar. Uma coisa tão resplandecente, tão repleta de poderes escondidos.

Ela disse:

— No fundo da taça, desenhámos uma imagem de nós mesmas, para nos certificarmos de que Deus sabe a quem pertence o pedido.

A minha boca entreabriu-se. Com certeza ela sabia que nenhum judeu devoto olharia para figuras em forma humana ou animal, e muito menos as criaria. O segundo mandamento proibía-o: *Não criarás uma imagem de nada que viva no céu, nem na terra, nem no mar.*

— Tens de escrever a tua oração na taça — disse-me a minha tia. — Mas tem cuidado com o que pedes, pois irás, certamente, recebê-lo.

Eu olhei para a concavidade do recipiente e, por um momento, este pareceu-me um firmamento em si mesmo, a cúpula estrelada virada ao contrário.

Quando ergui o olhar, os olhos de Ialta estavam fixos em mim. Ela disse:

— O santíssimo lugar de um homem contém as leis de Deus, mas dentro do de uma mulher existem outros desejos. — Depois, deu umas palmadinhas no osso liso sobre o meu coração e disse as instruções que fizeram alguma coisa incendiar-se-me no peito: — Escreve o que está aqui dentro, no teu santíssimo lugar.

Erguendo a mão, toquei no osso a que a minha tia acabara de dar vida, pestanejando furiosamente para conter um tumulto de emoções.

O nosso único Deus verdadeiro vivia no Santíssimo Lugar, no Templo de Jerusalém, e eu estava certa de que era um sacrilégio dizer que existia um local semelhante dentro dos seres humanos, e pior ainda sugerir que os desejos sentidos por raparigas como eu tinham algo de divino. Era a blasfémia mais bela e perversa que eu já ouvira. Nessa noite, não consegui dormir devido ao êxtase que me causou.

A minha cama era soerguida do chão por pernas de bronze, estava envolta em almofadas tingidas de carmim e amarelo e tinha um enchimento

de palha prensada, penas, coentros e hortelã, e eu fiquei ali, deitada naquele leito fofo e envolta por aqueles aromas, muito para além da meia-noite, elaborando mentalmente a minha oração, esforçando-me por reduzir em palavras a vastidão do que sentia.

Acordei antes de amanhecer, e esgueirei-me pela varanda que encimava o piso térreo, movendo-me, descalça, sem um candeeiro, passando furtivamente pelos quartos onde a minha família dormia. Desci os degraus de pedra. Atravessei o pórtico do átrio de entrada. Cruzei o pátio superior, medindo os passos como se estivesse a caminhar sobre pedras, com medo de acordar os criados que dormiam ali perto.

O mikvá onde nos banhávamos para cumprirmos as regras de pureza ficava dentro de um quarto húmido por baixo da casa, e só era acessível através do pátio inferior. Desci, tateando o caminho ao longo da parede das escadas. Quando o pingar da água na conduta se avolumou e a escuridão se atenuou, distingui os contornos do tanque. Eu gostava de fazer as minhas abluções rituais às escuras — ia ao mikvá desde que sangrara pela primeira vez, como exigido pela nossa religião, mas fazia-o à noite, sozinha, pois ainda não confessara à minha mãe que já era mulher. Há já vários meses que enterrava os meus trapos no jardim das ervas medicinais.

Contudo, desta vez, não fora ao mikvá por razões femininas, mas para me preparar para fazer as inscrições na minha taça. Para escrever uma oração — o que era um ato sério e sagrado. Era o ato de escrever poderes evocados, muitas vezes divinos, mas por vezes instáveis, que entravam nas letras e soltavam uma força misteriosa e estimulante que percorria a tinta em ondas. Não era verdade que uma bênção gravada num talismã protegia um recém-nascido e uma inscrição contra maldições protegia sepulturas?

Despi a túnica e fiquei de pé, nua, no degrau de cima, embora fosse costume entrar de roupa interior. Queria estar nua. Não queria que houvesse nada entre mim e a água. Apelei a Deus para que me purificasse, para que eu pudesse escrever a minha oração com retidão de mente e coração. Depois, entrei no mikvá. Contorci-me por baixo de água como um peixe e voltei à tona, ofegante.

De volta ao meu quarto, vesti-me com uma túnica lavada. Peguei na taça de encantamento e nos meus utensílios de escrita e acendi os candeeiros de azeite. O dia estava a nascer. Uma luz azul e difusa enchia o quarto. O meu coração era um copo a transbordar.

### iii.

SENTADA NO CHÃO, DE PERNAS CRUZADAS, DESENHEI PEQUENAS letras no interior da taça com uma caneta de cana acabada de afiar e tinta preta que eu mesma misturara, com cinzas do forno, seiva de árvores e água. Procurara durante um ano a melhor combinação de ingredientes, o tempo exato necessário para cozer a lenha, a goma vegetal certa para impedir que a tinta coalhasse, e ali estava ela, aderindo ao calcário sem escorrer nem borrar, brilhando como ónix. O aroma acre e a fumaça da tinta enchia o quarto, fazendo-me arder as narinas e trazendo-me lágrimas aos olhos. Inspirei-a como se fosse incenso.

Havia muitas orações secretas que eu poderia ter escrito. Viajar até ao lugar no Egito que a minha tia libertara na minha imaginação. Que o meu irmão voltasse para casa, para nós. Que Ialta continuasse comigo todos os dias da minha vida. Casar, um dia, com um homem que me amasse por quem eu era. Em vez disso, escrevi a oração que trazia no fundo do coração.

Desenhei cada letra em grego com movimentos lentos e reverenciais, como se as minhas mãos estivessem a construir pequenos templos de tinta onde Deus fosse habitar. Escrever dentro da taça era mais difícil do que eu imaginara, mas persisti, acrescentando floreios que eram apenas meus — finos traços para cima, grossos traços para baixo, espirais e chaveirões no final das frases, pontos e anéis entre as palavras.

Lá fora, no pátio, ouvia o nosso criado, Lavi, de 16 anos, a esmagar azeitonas, fazendo ecoar a moagem rítmica da mó pelo chão de pedra, e, quando esse ruído cessou, uma pomba no telhado, oferecendo ao mundo o seu pequeno som. Aquele pássaro encorajou-me.

O Sol nasceu e o céu empalideceu, passando de dourado rosado a dourado esbranquiçado. Dentro de casa, nada se movia. Ialta raramente acordava antes do meio-dia, mas, àquela hora, Shipra já devia ter trazido pão frito e um prato de figos. A Mãe já devia ter aparecido no meu quarto, ansiosa por me dar ordens. Teria franzido o sobrolho ao ver as minhas tintas, ter-me-ia repreendido por ter aceitado um presente tão ousado e teria culpado Ialta por mo ter dado sem a sua autorização. Eu não fazia ideia do que teria atrasado a sua ronda diária de opressão.

Tendo quase terminado a minha oração, pus-me à escuta da minha mãe e do regresso do meu irmão, Judas. Há vários dias que ninguém o via. Com 20 anos, tinha o dever de assentar e arranjar uma noiva, mas preferia enlouquecer o Pai confraternizando com os radicais que se agitavam contra

Roma. Já não era a primeira vez que desaparecia com os zelotas, mas nunca durante tanto tempo. Todas as manhãs, eu esperava ouvi-lo atravessar pesadamente o vestíbulo, esfomeado e exausto, contrito pela preocupação que nos causara. No entanto, Judas nunca se mostrava contrito. E, desta vez, era diferente — todos o sabíamos, mas não o dizíamos. A Mãe temia, tal como eu, que ele se tivesse, finalmente, juntado a Simão, filho de Gioras, o fanático mais inflamado de todos eles, para sempre. Dizia-se que os seus homens caíam sobre pequenos grupos dos mercenários de Herodes Antipas e dos soldados romanos do General Varus e lhes cortavam o pescoço. Também atacavam viajantes ricos na estrada para Canaã, roubando-lhes o dinheiro para dar aos pobres, mas deixando-lhes os pescoços intactos.

Judas era meu irmão adotivo, filho do primo da minha mãe, mas era mais próximo de mim em mentalidade do que os meus pais. Percebendo como eu me sentira isolada e solitária enquanto crescia, levava-me muitas vezes consigo para vaguear pelas colinas em socacos fora da cidade; trepávamos juntos aos muros de pedra que separavam os campos, surpreendendo as raparigas que guardavam as ovelhas e colhendo uvas e azeitonas à nossa passagem. As encostas estavam crivadas de grutas como favos de mel em colmeias, e nós explorávamo-las, gritando os nossos nomes para as aberturas largas e ouvindo a voz que no-los repetia.

Era inevitável que eu e Judas encontrássemos o caminho para o aqueduto romano que trazia água para a cidade, e aí tornámos um ritual nosso atirar pedras às colunas que separavam os arcos. Foi enquanto estávamos à sombra dessa gigantesca maravilha romana — ele com 16 anos e eu com 10 — que Judas me falou, pela primeira vez, da revolta em Séforis que lhe levava os pais. Soldados romanos tinham cercado 2000 rebeldes, incluindo o pai dele, e haviam-nos crucificado, alinhando as cruzes à beira das estradas. A sua mãe fora vendida como escrava, juntamente com o resto dos habitantes da cidade. Judas, com apenas dois anos, encontrou refúgio em Canaã até os meus pais o irem buscar.

Adotaram-no por meio de um contrato legal, mas Judas nunca pertenceu ao meu pai, apenas à minha mãe. Tal como qualquer judeu temente a Deus, o meu irmão desprezava Herodes Antipas devido à sua conivência com Roma, e revoltava-o que o nosso pai se tivesse tornado o conselheiro mais próximo de Antipas. Os galileus estavam há muito a conspirar uma rebelião e à procura de um messias que os libertasse de Roma, e cabia ao Pai aconselhar Antipas sobre como pacificá-los, mantendo, ao mesmo tempo, a sua lealdade para com o opressor. Era uma tarefa ingrata para qualquer

pessoa, mas especialmente para o nosso pai, cuja inclinação judaica ia e vinha como as chuvas. Respeitava o Sabat, mas com pouca firmeza. Ia à sinagoga, mas saía antes de o rabino ler a Escritura. Fazia as longas peregrinações a Jerusalém na Páscoa e no Sucot, mas com receio. Cumpria as leis alimentares, mas só entrava no mikvá se encontrasse um cadáver ou uma pessoa com uma erupção cutânea, ou se se sentasse numa cadeira da qual a minha mãe, enquanto menstruada, tivesse acabado de se levantar.

A segurança dele preocupava-me. Nessa manhã, partiu para o palácio acompanhado de dois dos soldados de Herodes Antipas, mercenários idumeus cujos capacetes e gládios cintilavam à luz do Sol. Estes acompanhavam-no desde a semana anterior, quando um dos zelotas de Simão, filho de Gioras, lhe cuspira em cima, na rua. Esse insulto provocou uma discussão azeda entre o Pai e Judas, uma tempestade de gritos que varreu a casa, do vestibulo aos quartos do andar de cima. O meu irmão desapareceu nessa mesma noite.

Entretida com estes pensamentos ansiosos sobre a Mãe, o Pai e Judas, pus tinta a mais na caneta, que pingou para dentro da taça, deixando-lhe um pingo negro de tinta no fundo. Olhei para o pingo, horrorizada.

Com cuidado, dei umas pancadinhas na tinta com um pano de limpeza, o que deixou um borrão cinzento e feio. Só piorara as coisas. Fechei os olhos para me acalmar. Finalmente, reconcentrando-me na oração, escrevi as últimas palavras com toda a atenção.

Abanei um molho de penas sobre a tinta, para acelerar a secagem. Depois, como Ialta me dissera para fazer, desenhei a figura de uma rapariga no fundo da taça. Fi-la alta, com pernas longas, um corpo magro, seios pequenos, rosto oval, grandes olhos, cabelos como silvas, sobranceiras espessas e a boca em forma de uva. Tinha os braços erguidos, suplicando *por favor, por favor*. Qualquer pessoa perceberia que aquela rapariga era eu.

A mancha da tinta que caíra pairava sobre a cabeça da rapariga como uma pequena nuvem escura. Franzi o sobrolho ao vê-la, dizendo a mim própria que não significava nada. Não era um presságio. Apenas uma falha de concentração, mas não conseguia evitar sentir-me perturbada. Desenhei uma pomba sobre a cabeça da rapariga, logo abaixo do borrão. As suas asas arqueavam-se por cima dela como um templo portátil.

Levantando-me, levei a taça de encantamento até à pequena janela alta, onde caíam raios de luz. Rodei a taça num círculo completo, vendo as palavras mover-se lá dentro, ondeando em direção à borda.

*Senhor nosso Deus, ouve a minha oração, a oração do meu coração.  
Abençoa a grandeza dentro de mim, por muito que eu a tema.  
Abençoa as minhas canetas de cana e as minhas tintas.  
Abençoa as palavras que escrevo. Que sejam belas aos teus olhos.  
Que sejam visíveis a olhos ainda não nascidos. Quando eu for pó,  
canta estas palavras sobre os meus ossos: ela era uma voz.*

Olhei para a oração, a rapariga e a pomba, e uma sensação ergueu-se-me no peito, uma pequena exultação, como um bando de aves a levantar voo das árvores, todas ao mesmo tempo.

Desejei que Deus reparasse no que eu fizera e que a sua voz me chegasse, vinda de um turbilhão. Desejei que ele dissesse: *Ana, eu vejo-te. Como é agradável a tua visão.* Mas só havia silêncio.

Foi enquanto me ocupava a guardar os utensílios de escrita que o segundo mandamento me surgiu na mente, como se Deus tivesse, afinal, falado, mas não dizendo o que eu queria ouvir. *Não criarás uma imagem de nada que viva no céu, nem na terra, nem no mar.* Dizia-se que fora o próprio Deus a escrever aquelas palavras numa placa de pedra e a dera a Moisés. Eu não conseguia acreditar que ele quisesse mesmo que chegássemos a um tal extremo, mas o mandamento fora interpretado à letra, como uma forma de manter Israel pura e separada de Roma. Tornara-se uma prova de lealdade.

Fiquei muito quieta. Senti o frio trespassar-me. *Já houve pessoas apedrejadas até à morte por criarem imagens mais rudimentares do que a que desenhei.* Deixando-me cair no chão, apoiei as costas na robustez da arca de cedro. Na noite anterior, quando a minha tia me dissera para desenhar uma imagem de mim mesma na taça, a advertência contra imagens atormentara-me por alguns momentos, mas eu ignorara-a, cega pela sua autoconfiança. Agora, o meu menosprezo das consequências enfraquecia-me.

Não estava preocupada com a possibilidade de ser apedrejada — as coisas nunca iriam tão longe. Havia apedrejamentos na Galileia, até em Séforis, mas não ali, na casa simpaticante dos gregos do meu pai, onde o que importava não era cumprir as regras judaicas, mas manter a *aparência* de as cumprir. Não, o que eu sentia era medo de que, se a minha imagem fosse descoberta, a taça fosse destruída. Temia que o precioso conteúdo da minha arca fosse levado, que o meu pai desse, finalmente, ouvidos à minha mãe e me proibisse de escrever. Que descarregasse a sua fúria sobre Ialta, talvez até mandando-a embora.

Pressionei as mãos contra o peito como que a fazer-me voltar a ser a pessoa que era na noite anterior. Onde estava o eu que compunha uma oração que as raparigas não ousavam rezar? Onde estava o eu que entrava no mikvá? Que acendia os candeeiros? Que acreditava?

Eu registara as histórias que a minha tia me contara de raparigas e mulheres em Alexandria, com medo de que também essas se perdessem, e agora remexia nos meus rolos até as encontrar. Alisei-as e li-as. Elas deram-me coragem.

Procurei um pedaço de linho entre os meus panos de limpeza. Tapando a taça com ele, disfarcei-a de penico e escondi-a debaixo da cama. A minha mãe nunca se aproximaria dela. Era com a sua espia, Shipra, que devia preocupar-me.

#### iv.

O NOME DA MINHA MÃE, HADAR, SIGNIFICA ESPLENDOR, E ELA esforçava-se para lhe fazer jus. Entrou no quarto envergando uma túnica cor de esmeralda e o seu melhor colar de cornalina, seguida por Shipra, carregada com uma pilha de roupas exuberantes e uma coleção de bolsas contendo joias, pentes e pinturas para os olhos. Equilibrado no cimo da pilha estava um par de sandálias cor de mel com pequenos sinos cosidos às tiras. Até Shipra, uma criada, trazia o seu melhor casaco e uma pulseira de osso gravado.

— Vamos sair daqui a pouco para o mercado — anunciou a Mãe —, e tu vens connosco.

Se não tivesse chegado com uma missão tão urgente, talvez tivesse reparado no olhar que deitei à taça debaixo da cama e se tivesse admirado com o meu fascínio por aquele objeto. Mas a sua curiosidade não foi despertada, e fiquei tão aliviada que, a princípio, não questionei a irracionalidade de vestir roupas tão finas para ir ao mercado.

Shipra tirou-me a túnica e substituiu-a por outra de linho branco, profusamente bordada com fio de prata. Envolveu-me as ancas com uma faixa índigo, calçou-me as sandálias musicais e mandou-me ficar quieta enquanto clareava o meu rosto moreno com giz e farinha de cevada. O seu hálito cheirava a lentilhas e alho-francês e, quando me virei de costas para ela, beliscou-me o lóbulo da orelha. Bati o pé, desencadeando uma saraivada de toques de sinos.

— Está quieta; não podemos atrasar-nos — disse a Mãe, estendendo

a Shipra um lápis de *kohl* e ficando a vê-la delinear-me os olhos, e depois esfregar-me óleo nas mãos.

Eu não consegui conter-me mais tempo.

— Temos de nos vestir tão bem para ir ao mercado?

As duas mulheres trocaram um olhar. Um rubor nasceu por baixo do queixo da Mãe e espalhou-se-lhe pelo pescoço, como acontecia muitas vezes quando ela era dissimulada. Ignorou-me.

Disse para mim mesma que não havia motivo para me sentir desconfortável. Os cortejos sumptuosos da Mãe não eram invulgares, embora, geralmente, se limitassem aos banquetes que ela organizava para os mecenas do Pai no salão de receções — extravagâncias de cordeiro assado, figos com mel, azeitonas, húmus, pão ázimo, vinho, candeeiros de azeite brilhantes, músicos, acrobatas e um mago leitor de sinas. As suas exibições nunca incluíam caminhadas ostentatórias até ao mercado.

Pobre Mãe. Parecia ter sempre necessidade de provar alguma coisa, embora eu nunca tivesse sabido exatamente o quê, até à chegada de Ialta. Durante uma das nossas conversas no telhado, a minha tia revelara que o pai da minha mãe sobrevivera como um pobre mercador, vendendo tecidos em Jerusalém, que nem sequer eram de grande qualidade. No entanto, o Pai e Ialta descendiam de uma linhagem nobre de judeus de Alexandria que falavam grego e tinham ligações às autoridades romanas. Naturalmente, arranjar um casamento entre duas famílias com um abismo destes a separá-las teria sido impossível, a menos que a noiva fosse extraordinariamente bela ou o noivo tivesse algum defeito físico. De facto, o rosto da Mãe era inigualável e o fémur da perna esquerda do Pai era mais curto do que o da direita, o que o fazia coxear levemente.

Perceber que as exibições de grandeza da minha mãe não eram motivadas apenas por presunção, mas constituíam uma tentativa de compensar a sua condição inferior, fora um alívio. Fazia-me ter pena dela.

Shipra prendeu-me o cabelo com fitas e fixou-me à testa uma faixa ornada com moedas de prata. Embrulhou-me numa capa de lã sufocante tingida de escarlata, e não com alizari barato, mas com o vermelho-vivo dos insetos fêmeas. Como tormento final, a Mãe deixou cair um jugo de contas de lazulite em volta do meu pescoço.

— O teu pai vai ficar satisfeito — disse ela.

— O Pai? Ele também vem?

Ela assentiu com a cabeça, puxando um casaco cor de açafraão sobre os ombros e lançando a capa por cima da touca.

*Quando é que o Pai alguma vez fora ao mercado?*

Eu não compreendia o que se passava, apenas que tudo parecia centrar-se em mim, e isso pareceu-me um mau presságio. Se Judas estivesse ali, defender-me-ia; ele defendia-me sempre. Insistia que a Mãe me dispensasse do fuso, do tear e da lira para poder concentrar-me nos estudos. Fazia as minhas perguntas ao rabino quando eu não era autorizada a falar na sinagoga. Agora, desejava a presença dele de todo o coração.

— E o Judas? — perguntei. — Já voltou?

A Mãe abanou a cabeça e desviou o olhar de mim.

Ele sempre fora o preferido dela, o único alvo da sua adoração. Eu queria acreditar que era por lhe ter conferido o estatuto que advinha de ter um filho, ou porque, em criança, ele era perturbado e atormentado, e precisava de mais atenção. E, afinal, Judas era bonito e afável, e tinha em igual medida princípios e simpatia, a mais rara das combinações, enquanto eu era voluntariosa, impulsiva, cheia de estranhas esperanças e de uma rebeldia egoísta. Deve ter-lhe sido muito difícil amar-me.

— E a Ialta? — perguntei, desesperada por um aliado.

— *A Ialta...* — Ela cuspiu a palavra. — *A Ialta ficará aqui.*

## V.

CAMINHÁMOS AO LONGO DA PRINCIPAL ARTÉRIA DE SÉFORIS como uma barca imperial, deslizando pela rua ornada por colunatas, sobre o calcário esmagado e brilhante, forçando as pessoas a afastar-se — o Pai à frente, depois a Mãe, Shipra e eu, ladeados por dois soldados, que gritavam aos transeuntes que deixassem passar. Eu via a silhueta entroncada do Pai dando grandes passadas lá à frente, inclinando-se um pouco para os lados. Envergava um casaco vermelho, tal como eu, e um chapéu a condizer que se lhe erguia da cabeça como um grande pão. As suas grandes orelhas destacavam-se dos dois lados do chapéu como pequenas prateleiras, enquanto, por baixo dele, a sua grande cabeça calva, que ele considerava um castigo de Deus, estava escondida das vistas.

Um pouco antes, ao ver-me, acenara com a cabeça à Mãe de uma forma tácita e, observando-me melhor, dissera:

— Não deves andar tão carrancuda, Ana.

— Diga-me a finalidade da nossa excursão, Pai, e estou certa de que ficarei com um semblante mais agradável.

Ele não respondera, e eu voltara a perguntar. Ele ignorara-me, tal como a Mãe fizera. Não era invulgar que os meus pais desatendessem as minhas perguntas — era um seu hábito diário —, mas a sua recusa em responder alarmou-me. Enquanto nos exibíamos pela rua abaixo, o meu pânico crescente levou-me a conjeturas loucas e aterrorizantes. Ocorreu-me que o mercado se encontrava dentro da mesma vasta basílica romana que albergava o tribunal, assim como o salão público onde a nossa sinagoga se reunia, e comecei a agonizar, pensando que, possivelmente, não íamos ao mercado, mas ao tribunal, onde Judas seria acusado de banditismo, e que a nossa exibição de riqueza se destinava a dissuadir as autoridades de o punirem. Seria isso com certeza, e o meu medo pelo meu irmão não era menor do que teria sido por mim mesma.

Porém, momentos depois, imaginei-nos na sinagoga, onde os meus pais, cansados dos meus pedidos constantes para estudar como os rapazes, me acusariam de os desonrar com a minha ambição e presunção. O rabino, altivo, escreveria uma maldição e obrigar-me-ia a engolir uma infusão da tinta com que a escrevesse. Se eu estivesse isenta de pecado, a maldição não teria qualquer efeito, mas, se eu fosse culpada, as minhas mãos mirrariam de forma a que eu não pudesse continuar a escrever, e a minha visão tornar-se-ia demasiado fraca para poder ler, ou talvez os olhos me saltassem da cabeça de vez. Não tinha uma mulher acusada de adultério sido sujeita a um teste como este? Não se dizia que as suas coxas mirravam e a sua barriga inchava conforme constava das Escrituras? Bem, eu poderia ver-me sem mãos e cega nessa mesma noite! E se a sinagoga não fosse o nosso destino, disse para comigo, talvez afinal fôssemos mesmo ao mercado, onde eu seria oferecida a um príncipe árabe ou a um negociante de especiarias, que me faria atravessar o deserto montada num camelo, livrando os meus pais de mim, de uma vez para sempre.

Inspirei. Depois, inspirei outra vez, acalmando os meus pensamentos rodopiantes e absurdos.

Olhando para o Sol, calculei que fosse quase meio-dia, e imaginei Ialta a acordar e a encontrar a casa vazia, onde restava apenas Lavi para lhe dizer que tínhamos todos saído a pé para o mercado, esplendidamente vestidos. Gostava que ela viesse procurar-nos. Seria difícil não nos ver — não faltava nada à nossa procissão, a não ser címbalos e trombetas. Olhei por cima do ombro, na esperança de a ver, imaginando como apareceria — sem fôlego, vestida com a sua túnica simples de linho, sabendo, de alguma forma, que eu estava em perigo. Viria caminhar a meu lado, de ombros puxados para

trás daquela sua forma orgulhosa. Pegar-me-ia na mão, dizendo, *estou aqui, a tua tia está aqui*.

A cidade estava atulhada com a multidão de cidadãos de Séforis, assim como estrangeiros de outras partes do império — ouvi pedaços de latim e frígio, assim como de aramaico, hebraico e grego — e, como era habitual, havia muitos trabalhadores diurnos de Nazaré: pedreiros, carpinteiros e ladrilhadores, que caminhavam todos os dias durante uma hora através do vale Nahal Tzipori, para irem procurar trabalho num dos projetos de construção de Herodes Antipas. Faziam ressoar os carrinhos pelas ruas, num estrépito de burros zurrantes e gritos que abafava o tilintar das moedas na minha testa, os sinos das minhas sandálias e o pandemónio no meu peito.

Ao aproximarmo-nos da casa da moeda da cidade, alguém da multidão gritou «Olhem, os cães de Herodes Antipas!», no dialeto aramaico dos nabateus, e vi o Pai retrair-se. Quando outros secundaram o cântico, o guarda que ia na nossa retaguarda irrompeu pelo meio da multidão, brandindo o escudo para causar efeito, o que fez os risos morrerem.

Envergonhada pela nossa extravagância e só ligeiramente espantada pelo ódio que os camponeses tinham contra nós, baixei a cabeça, não querendo encontrar os seus olhares, e lembrei-me de novo do que mais queria esquecer acerca do dia em que Judas desaparecera.

NESSA MANHÃ, ELE ACOMPANHARA-ME AO MERCADO, ONDE EU ESPERAVA encontrar papiros. Geralmente, era Lavi que me fazia companhia, mas Judas oferecera-se e eu ficara felicíssima. Fazendo o mesmo percurso que percorríamos agora, chegámos a um carrinho de mão virado ao contrário, ao lado do qual estava um trabalhador cujo braço se encontrava parcialmente preso por baixo de uma placa de mármore. O sangue escorria de baixo da pedra, como pernas de aranha peludas.

Tentei impedir Judas de correr para junto dele.

— Ele é impuro! — gritei, agarrando-lhe o braço. — Deixa-o.

Judas libertou-se com um sacão e fitou-me com indignação.

— Ana! O que sabes tu da situação dele? *Tu*, uma rapariga privilegiada que nunca conheceu um dia de trabalho difícil ou um espasmo de fome! Afinal, sempre saís ao teu pai?

As palavras dele não eram menos esmagadoras do que a laje de pedra. Fiquei imóvel e envergonhada, enquanto ele a levantava de cima do homem e embrulhava a ferida dele numa tira de tecido rasgada da sua própria túnica.

Virando-se para mim, disse:

— Dá-me a tua pulseira.

— O quê?

— *Dá-me a tua pulseira.*

Era uma faixa de ouro puro, onde estava gravada uma vinha entrelaçada. Puxei o braço para trás.

Ele aproximou-se do meu rosto.

— Este homem — interrompeu-se, indicando com um gesto todo o grupo de trabalhadores andrajosos e suados que tinham parado para ver —, *todos* estes homens merecem a tua compaixão. Não conhecem nada além de impostos e dívidas. Se não puderem pagar, o Herodes Antipas tira-lhes as terras e eles não têm outra forma de sobreviver além desta. Se este homem não puder trabalhar, acabará como mendigo.

Tirei a faixa do pulso, e vi Judas colocá-la na mão do homem ferido.

Foi pouco depois, nessa noite, que Judas e o Pai se desentenderam enquanto eu, a Mãe e Ialta os ouvíamos da varanda sobre o salão de refeições, apertadas nas sombras.

— Lamento que um seguidor de Simão, filho de Gioras, tenha cuspidido sobre ti, Pai — disse Judas. — Mas não podes condená-lo. Esses homens são os únicos que lutam pelos pobres e desfavorecidos.

— Eu *condeno-os!* — gritou o Pai. — Condeno-os pela sua bandidagem e agitação da populaça. Quanto aos pobres e desfavorecidos, colhem o que semearam.

Aquela afirmação sobre os pobres, feita com tal facilidade, com tal maldade, irritou Judas, que respondeu, também aos gritos:

— Os pobres só colhem a brutalidade do Antipas! Como hão de pagar os impostos dele além dos tributos a Roma, *e ainda* o dízimo obrigatório ao Templo? Estão a ser esmagados, e tu e o Antipas são o pilão.

Por momentos, não se ouviu qualquer som. Depois, chegou a voz do Pai, quase num silvo:

— Sai daqui. Sai da minha casa.

A Mãe susteve a respiração. Por muito insensível que o Pai tivesse sido para com Judas ao longo dos anos, nunca chegara tão longe. Teria Judas saído de casa se eu não lhe tivesse provocado repugnância, horas antes, com as minhas próprias palavras maldosas? Senti-me nauseada.

Os passos do meu irmão ecoaram na luz tremeluzente lá em baixo, e depois desvaneceram-se.

Virei-me para olhar para a Mãe. Os seus olhos brilhavam de horror.

Pois, desde que eu me lembrava, ela desprezava o meu pai. Ele recusara-se a receber Judas na estreiteza do seu coração, e a vingança da Mãe fora metódica e espetacular — fingia ser estéril. Entretanto, engolia artemísia, arruda selvagem, até agnocasto, conhecido como raro e muito caro. Eu encontrara essas medidas profiláticas na caixa de ervas aromáticas que Shipra mantinha escondida na arrecadação por baixo do pátio. Ouvira com os meus próprios ouvidos as duas falarem da lâ que a Mãe encharcava em óleo de linhaça e colocava dentro de si antes de o Pai a visitar, e das resinas com as quais se lavava depois.

Dizia-se que as mulheres eram feitas para duas coisas: a beleza e a procriação. Tendo dado beleza ao Pai, a Mãe certificava-se de que a procriação lhe era negada, recusando-lhe filhos para além de mim. Durante todos aqueles anos, ele nunca se apercebera do logro.

Por vezes, passava-me pela cabeça que a minha mãe poderia não ser motivada apenas pela vingança, mas também pela sua *própria* peculiaridade feminina — não por uma ambição desmedida como a minha, mas por uma aversão a crianças. Talvez temesse a dor e o risco de morte que acompanhavam o parto, ou abominasse a forma como destruíam o corpo das mulheres, ou se ressentisse dos esforços esgotantes necessários para as criar. Talvez, simplesmente, não gostasse delas. Não podia culpá-la por nada disso. Mas, se fingia a incapacidade de ter filhos por essas razões, porque me tivera *a mim*? Porque estava eu ali? Teria o agnocasto falhado na sua função?

Essa pergunta atormentou-me até eu chegar aos 13 anos e ouvir o rabino falar numa regra que permitia aos homens divorciarem-se das mulheres se elas não tivessem filhos no espaço de dez anos; foi como se o céu se abrisse e a razão da minha existência caísse do trono de Deus e aterrasse aos meus pés. Eu era a garantia da minha mãe. Nascera para impedir que ela fosse expulsa.

AGORA, A MÃE CAMINHAVA ATRÁS DO MEU PAI, MANTENDO-SE ERETA, DE queixo erguido, sem olhar para a esquerda nem para a direita. À luz do Sol, a sua capa dourada parecia iluminada por uma centena de chamas. O ar brilhava mais à sua volta do que à nossa, repleto de altivez, de beleza e do aroma a madeira de sândalo. Perscrutando mais uma vez as ruas apinhadas em busca de Ialta, e depois de Judas, comecei a repetir a minha oração secreta, movendo os lábios sem emitir qualquer som. *Senhor nosso Deus,*

*ouve a minha oração, a oração do meu coração. Abençoa a grandeza dentro de mim, por muito que eu a tema...*

Aquelas palavras acalmaram-me à medida que a cidade desfilava perante mim, estruturas magníficas que me enchiam de respeito sempre que me atrevia a sair. Antipas enchera Séforis de edifícios públicos imponentes, um tesouro real, basílicas com frescos, uns banhos públicos, esquadros, passeios cobertos e ruas pavimentadas, dispostas em quadrículas romanas perfeitas. Havia por toda a cidade muitas casas grandes como a do Pai, e o palácio de Antipas era tão rico como qualquer residência real. Ele andava a reconstruir a cidade desde que Roma a arrasara há muitos anos, quando Judas perdera os pais, e o que se erguera das cinzas era uma metrópole próspera que rivalizava apenas com Jerusalém.

Nos últimos tempos, Antipas iniciara a construção de um anfiteatro romano na encosta norte da cidade, com lugar para 4000 pessoas. Fora o Pai que tivera a ideia, como forma de Antipas impressionar o imperador Tibério. Judas disse que era apenas mais uma maneira de nos enfiar Roma pela garganta abaixo. Mas o Pai ainda tinha mais estratégias a sugerir. Aconselhou Antipas a cunhar a sua própria moeda, mas quebrando a tradição de Roma, não lhe gravando a sua própria imagem, que deveria substituir por uma menorá. Esse gesto engenhoso fez Antipas parecer reverenciar a mesma lei de Moisés que eu quebrara nessa manhã. As pessoas chamavam a Herodes Antipas a Raposa, mas o mais matreiro era o meu pai.

Seria eu como ele, como Judas insinuara?

Quando avistámos o mercado, a multidão tornou-se mais compacta. Abrimos caminho por entre grupos de homens — membros do tribunal, escribas, funcionários do governo e sacerdotes. As crianças arrastavam molhos de ervas, cevada e trigo, braçadas de cebolas e pombas em gaiolas de pau. As mulheres levavam artigos sobre a cabeça com uma firmeza espantosa — jarros de óleo, cestos de azeitonas de colheita tardia, rolos de pano, ânforas de pedra, até mesas de três pernas, o que conseguissem vender, sem pararem de se cumprimentar com as palavras «*Shelama, shelama*». Sempre que via aquelas mulheres, invejava-lhes a liberdade com que iam e vinham, sem a prisão de um acompanhante. Estava certa de que ser camponês não tinha apenas inconvenientes.

Dentro da basílica, o alvoroço intensificava-se, juntamente com o calor abafado. Comecei a suar dentro do meu casaco elaborado. Passei os olhos pela sala cavernosa, vendo filas e filas de bancas e carrinhos de mercado. Havia um odor a suor, carvão, carne em espetadas e ao peixe pútrido e

salgado de Magdala. Levei as costas da mão às narinas para atenuar o fedor e senti o soldado que vinha na retaguarda empurrar-me para a frente.

Mais adiante, a minha mãe parou a meio de uma fila de bancas que vendiam produtos da rota da seda — papel chinês, sedas e especiarias. Indolentemente, inspecionou um pano cerúleo, enquanto o meu pai continuava até ao fim da fila, onde se deteve, percorrendo a multidão com os olhos.

Desde o momento em que saíramos, eu temia que estivéssemos a dirigir-nos para algo calamitoso, sentindo-o não apenas na estranheza da nossa expedição, mas também nos movimentos ténues dos rostos dos meus pais; e, no entanto, ali estava a minha mãe a comprar serenamente seda e o meu pai a observar pacientemente a multidão. Teria ela vindo, afinal, fazer compras? Suspirei, num afluxo de alívio.

Só reparei no homem baixo que se aproximou do meu pai quando a multidão se apartou um pouco, e vi-o avançar e cumprimentar o Pai com uma vénia. Trazia um casaco caro roxo-escuro e um chapéu alto em forma de cone, talvez o chapéu mais alto que os meus olhos alguma vez tinham visto, o que chamava a atenção para a sua estatura excepcionalmente baixa.

A minha mãe pousou a peça cerúlea. Olhando para trás, fez-me sinal para avançar.

— Quem está com o Pai? — perguntei, ao chegar perto dela.

— É o Nataniel, filho de Hanani, um conhecido do teu pai.

Podia ser um rapaz de 12 anos, não fora a barba volumosa que lhe chegava ao peito, como meadas torcidas de fibra de linho. Puxou-a, atirando-me um olhar com os seus olhos de furão, e depois desviando-os.

— Ele não tem uma, mas duas propriedades — informou-me ela. — Uma dá tâmaras, a outra azeitonas.

Então, ocorreu um daqueles pequenos momentos inominados que só mais tarde se agigantariam — uma onda de cor de que me apercebi pelo canto do olho. Virando-me nessa direção, vi um jovem, um camponês, de mãos erguidas e longos fios torcidos em corda enrolados em volta dos dedos esticados — vermelhos, verdes, lilases, amarelos, azuis. Os fios caíam-lhe até aos joelhos, como cataratas de água cintilante. Mais tarde, far-me-iam lembrar um arco-íris, e eu perguntar-me-ia se Deus os enviara como um sinal de esperança, como fizera com Noé, algo a que me agarrar por entre as ruínas submersas que me esperavam, mas, nesse momento, aquela visão não foi mais do que uma distração encantadora.

Uma rapariga não muito mais velha do que eu tentava enrolar os fios

em espirais bem feitas para os vender. Percebi que estavam tingidos com pigmentos vegetais baratos. O jovem riu-se, com uma gargalhada profunda e ribombante, e eu reparei que estava a mexer os dedos, fazendo os fios oscilar e tornando-os impossíveis de apanhar. A rapariga também se ria, embora fizesse um grande esforço para se conter.

Aquela cena era tão inesperada, tão alegre, que me fixei nela. Já vira mulheres oferecerem os dedos como suportes de fios para enrolar, mas nunca um homem. *Que tipo de homem ajuda uma mulher a enrolar os seus fios?*

Ele parecia vários anos mais velho do que eu, por volta dos 20. Tinha uma barba curta e escura e cabelos bastos que lhe caíam até ao queixo, como se usava. Vi-o prender uma madeixa por detrás da orelha, onde aquela se recusou a ficar, voltando a cair-lhe sobre a face. Tinha um nariz comprido, maçãs do rosto largas e a pele amendoada. Vestia uma túnica grosseira e rudemente tecida e uma peça de roupa exterior cosida com tzitzit — e aquelas borlas azuis identificavam-no como seguidor das leis de Deus. Perguntei-me se seria um fariseu fanático, um daqueles seguidores inflexíveis de Shamaï que eram conhecidos por se desviarem metros do seu caminho para evitarem cruzar-se com uma alma impura.

Olhei de novo para a Mãe, com medo de que me visse a fitá-lo, mas ela estava absorta no seu entusiasmo com o conhecido do Pai. O regatear do mercado enfraqueceu e ouvi a voz elevada do Pai através da confusão:

— Mil denários e uma parte dos teus pomares de tamareiras. — Parecia que o encontro dos dois se transformara numa acalorada negociação.

A rapariga da banca dos fios acabou de os enrolar e colocou o último novelo numa prancha de madeira que servia de prateleira. Ao princípio, pensei que fosse a mulher do jovem, mas, vendo agora como eram parecidos, achei que deviam ser irmãos.

Como que sentindo a intensidade do meu olhar, o homem olhou subitamente em volta, e os seus olhos recaíram sobre mim como um véu que eu quase podia sentir, e cujo calor me tocou os ombros, o pescoço, as faces. Eu devia ter desviado o olhar, mas não consegui. Os olhos dele eram o que nele mais sobressaía, não pela sua beleza, embora *fossem* belos, à sua maneira — bem afastados e tão negros como a minha tinta mais negra —, mas não era isso. Havia neles um pequeno fogo, uma expressividade que eu distinguia, mesmo do lugar onde estava. Era como se os seus pensamentos flutuassem na luz húmida e escura daqueles olhos, querendo ser lidos. Vi que denotavam divertimento. Curiosidade. Um interesse indisfarçado.

Não havia uma réstia de desdém pela minha riqueza. Nenhum julgamento. Nenhuma presunção devota. Vi generosidade e amabilidade. E algo menos acessível, algum tipo de dor.

Embora seja verdade que me considero capaz de ler as expressões do rosto, não sabia se tinha, realmente, visto tudo aquilo ou se *queria* tê-lo visto. O momento prolongou-se para além do que era decente. Ele sorriu ligeiramente, erguendo tenuemente os lábios, e depois voltou-se de novo para a mulher que eu pensava ser sua irmã.

— Ana! — ouvi a Mãe dizer, com os olhos a passarem de mim para os camponeses. — O teu pai chamou-te.

— O que quer ele de mim? — perguntei. Mas já estava a compreender: a verdadeira razão por que estávamos ali, o homem minúsculo vestido de roxo, a negociação.

— O teu pai quer apresentar-te ao Nataniel, filho de Hanani — estava a Mãe a dizer —, que quer ver-te mais de perto.

Olhei para o homem e senti qualquer coisa rasgar-se por trás do osso liso do meu peito.

*Querem casar-me.*

O pânico voltou, desta vez como uma vaga na minha barriga. As mãos começaram a tremer-me, depois o maxilar. Virei-me para ela.

— Não podem casar-me — gritei. — Ainda não sou maior!

Ela pegou-me no braço e puxou-me para mais longe, para que o Nataniel, filho de Hanani, não ouvisse as minhas objeções nem visse o horror espelhado no meu rosto.

— Podes parar de mentir. A Shipra encontrou os teus trapos ensanguentados. Pensaste que podias esconder isso de mim? Não sou estúpida. Só estou zangada por teres cometido uma fraude tão desprezível.

Apeteceu-me gritar-lhe, atirar palavras como pedras: *Onde julgas que aprendi a cometer fraudes? Contigo, Mãe, que escondes agnocasto e arruda selvagem na arrecadação.*

Escrutinei o homem que haviam escolhido para mim. Tinha a barba mais grisalha do que preta. Sulcos curvos por baixo dos olhos. Um semblante cansado, com uma espécie de amargura. Queriam dar-me a *ele*. *Deus me livrasse*. Esperar-se-ia que eu obedecesse aos seus pedidos, gerisse a sua casa, suportasse o seu corpo atarracado em cima do meu, e que lhe desse filhos, tudo isto estando privada das minhas canetas e rolos. Este pensamento fez um espasmo de raiva percorrer-me, tão violento que me agarrei à cintura para me impedir de arranhar a minha mãe.

— É velho! — acabei por conseguir dizer, mencionando o defeito mais fraco de todos.

— É viúvo, sim, e tem duas filhas. Ele...

— Quer um filho — disse eu, terminando a frase dela.

De pé, no meio do mercado, não dei atenção às pessoas que nos rodeavam, ao soldado do Pai que lhes fazia sinal para seguirem, ao espetáculo que constituíamos.

— Podiam ter-me dito o que me esperava aqui! — gritei.

— E tu não *me* traíste? Olho por olho: isso seria razão suficiente para te ter escondido este encontro. — Alisou a parte da frente do casaco e deitou um olhar nervoso na direção do Pai. — Não te dissemos porque não queríamos suportar os teus protestos. Já basta fazeres uma discussão agora, em público.

Suavizou o discurso, desejosa de acabar com a minha revolta.

— Controla-te. O Nataniel está à espera. Cumpre o teu dever; está muito em jogo.

Deitei uma olhadela ao homem de aspeto amargo que nos observava à distância e estiquei o queixo da forma desafiadora que vira Ialta fazer quando o Pai lhe proibia alguma pequena liberdade.

— Não vou ser inspecionada em busca de imperfeições como um cordeiro da Páscoa.

A Mãe suspirou.

— Não se pode esperar que um homem aceite um acordo tão vinculativo como um noivado sem ver se a noiva é merecedora. É assim que se faz.

— Então e eu? Não devia ser-me permitido ver se *ele* é merecedor?

— Oh, Ana — disse ela. Olhou para mim com a velha tristeza cansada que sentia por aturar uma filha tão rebelde. — Poucas raparigas encontram a felicidade no início, mas este é um casamento de honra. Não te vai faltar nada.

*Vai faltar-me tudo.*

Chamou Shipra com um gesto, e esta apareceu ao nosso lado, como se pudesse ser chamada para me arrastar para o meu destino. O mercado fechava-se à minha volta, e senti que não tinha para onde ir, para onde fugir. Eu não era como Judas, que podia, simplesmente, partir. Eu era a Ana — o mundo inteiro era uma gaiola.

Fechei os olhos com força.

— Por favor — disse. — Não me peça isto.

Ela empurrou-me para a frente. Os uivos na minha cabeça regressaram, mas mais suaves, como alguém a gemer.

Caminhei na direção do meu pai, sentindo os pés como carapaças de tartarugas, com os sinos das sandálias tocando a finados.

Eu era uma cabeça mais alta do que o Nataniel, filho de Hanani, e via bem que a necessidade de levantar o olhar para mim lhe repugnava. Pus-me em bicos de pés, fazendo-me ainda mais alta.

— Pede-lhe que diga o nome, para eu lhe ouvir a voz — disse ele ao Pai, sem se dirigir a mim.

Eu não esperei pelo Pai.

— Ana, filha de Matias — quase gritei, como se ele fosse velho e surdo. O Pai ficaria lívido, mas eu não ia dar ao homem qualquer motivo para me julgar recatada ou fácil de domar.

Ele deitou-me um olhar furioso, e eu senti uma réstia de esperança de que ele encontrasse um motivo para me rejeitar.

Pensei na oração dentro da minha taça, na rapariga por baixo da nuvem. Nas palavras de Ialta: *Cuidado com o que pedes, pois irás, certamente, recebê-lo.*

*Meu Deus, por favor. Não me abandones.*

O tempo vergou-se sob um silêncio espesso e implacável. Finalmente, Nataniel, filho de Hanani, olhou para o meu pai e assentiu com a cabeça, em sinal de consentimento.

Eu olhei para a luz fraca e enevoadada do mercado, sem ver nada, sem sentir nada, ouvindo-os falar do contrato de noivado. Debateram quantos meses decorreriam até à cerimónia de casamento, propondo o meu pai seis e Nataniel três. Só quando eu lhes virei as costas é que o desgosto se fechou sobre mim, um sentimento negro de abandono.

A minha mãe, vendo o seu triunfo assegurado, voltou a sua atenção novamente para o tecido na banca das sedas. Eu encaminhei-me para ela, lutando para me manter direita, mas, a meio caminho, o chão inclinou-se e o mundo virou-se de lado. Estonteada, abrandei, com a capa vermelha a ondear à minha volta e a sua bainha a prender-se nos sinos das minhas sandálias, fazendo-me torcer os pés. Caí sobre os joelhos.

Tentei levantar-me, mas voltei a cair, surpreendida por uma dor aguda no tornozelo.

— Ela está doente — gritou alguém, e as pessoas afastaram-se como que para fugir de um leproso. Lembro-me do barulho dos sapatos como cascos, da nuvem de pó sobre o chão. Eu era a filha de Matias, chefe dos escribas de Herodes Antipas — ninguém se atreveria a tocar-me.

Quando olhei para cima, vi o jovem da banca dos fios aproximar-se de mim. Um tufo de fios vermelhos baloiçava, pendente da manga da sua túnica. Caiu no chão quando ele se curvou na minha frente. Ocorreu-me que ele vira tudo o que ali se passara — a discussão com a minha mãe, a transação para o meu noivado, o meu sofrimento e humilhação. Ele *vira*.

Estendeu a mão, a mão de um trabalhador. Nós dos dedos grossos, calos, a palma da mão um mapa de dificuldades. Hesitei antes de a aceitar, não por aversão, mas por fascínio por ele ma ter oferecido. Apoiei-me um pouco nele, testando o meu peso sobre o pé. Quando virei o rosto para o dele, os meus olhos ficaram quase ao nível dos seus. A sua barba estava tão perto que, se fosse mais ousada, eu poderia baixar a cabeça e senti-la roçar a minha pele, e fiquei espantada por me apetecer fazê-lo. O meu coração apertou-se, e senti um calor estranho nas coxas, como se as minhas pernas fossem fraquejar outra vez.

Ele abriu os lábios, como que para falar. Lembro-me da ânsia que senti por ouvir a sua voz, por saber o que me diria.

O que aconteceu a seguir assombrar-me-ia durante os estranhos meses subsequentes, assaltando-me em momentos estranhos e, por vezes, acordando-me à noite, e eu ficaria ali deitada, pensando como tudo poderia ter sido diferente. Ele poderia ter-me levado até à banca dos fios, onde eu me sentaria na prancha de madeira, por entre os novelos de fio, esperando que o latejar no meu tornozelo abrandasse. Os meus pais ter-me-iam encontrado aí. Teriam agradecido ao gentil homem, dando-lhe uma moeda e comprando todos os fios que a rapariga tinha tão cuidadosamente separado e enrolado. O meu pai ter-lhe-ia dito: *«Pela tua amabilidade, tens de jantar conno.*»

Mas nada disso aconteceu. Pelo contrário, antes que o meu salvador pudesse proferir alguma palavra, o soldado que seguira atrás de nós pelas ruas correu na nossa direção, empurrando violentamente o homem por detrás e agarrando-me para eu não cair, quando perdi o equilíbrio. Vi-o cair, incapaz de desviar os olhos quando a sua testa bateu nos duros azulejos.

Ouvi a rapariga chamá-lo pelo nome, «Jesus», correndo para ele, e devo ter tentado alcançá-lo também, pois senti o soldado prender-me os movimentos.

O homem pôs-se de pé, com a rapariga a puxar-lhe o braço. Ela parecia aterrorizada, desejosa de que conseguissem fugir antes que o soldado o atacasse de novo, antes que a multidão fosse acicatada contra eles, mas ele levou o seu tempo, e lembro-me de pensar na sua dignidade, na sua calma.

Ergueu os dedos para um feio vergão vermelho acima da sobrancelha direita, depois endireitou a capa e afastou-se como mandava a prudência, mas não sem antes se virar para me deitar um olhar — um olhar amável e incandescente.

Todo o meu ser ansiava por chamá-lo, para me assegurar de que não estava gravemente ferido, para lhe pedir desculpa, lhe oferecer a pulseira que tinha no braço, todas as pulseiras que guardava na minha caixa de joalheria. Mas não disse nada, e ele e a rapariga desapareceram por detrás do muro de espetadores, deixando os seus humildes rolos de fio para trás.

O meu pai e o Nataniel, filho de Hanani, chegaram a gritar uma pergunta tola — não «Estás bem?», mas «O camponês atacou-te?».

O soldado apressou-se a justificar os seus atos.

— O homem precipitou-se para a sua filha. Agi para a defender.

— Não! — exclamei eu. — O homem veio em meu auxílio! O meu tornozelo...

— Encontrem-no — gritou o meu pai e, de imediato, um soldado animalesco correu na direção em que o homem chamado Jesus desaparecera.

— Não! — gritei eu outra vez, lançando-me numa explicação frenética, mas o Pai não me ouviu.

— Calada — disse ele, brandindo a mão no ar. O prazer que Nataniel tirou de me ver silenciada não me escapou. O seu sorriso não era um sorriso. Era o esgar de uma víbora.

Fechei os olhos com força, esperando que Deus ainda conseguisse ver-me, o pequeno sol em extinção que eu era, e rezei para que ele permitisse que Jesus ficasse a salvo.

Quando abri os olhos, olhei para o azulejo sobre o qual ele caíra. Em cima dele, estava enrolado um fino fio vermelho. Inclinei-me e apanhei-o.

## vi.

IALTA ESTAVA À ESPERA DO LADO DE FORA DA PORTA PRINCIPAL da nossa casa. Fez-me lembrar um ratinho cinzento, alerta, farejando o ar, com as mãos inquietas por baixo do queixo. Coxeei até ela, com as pestanas a pingarem tinta de *kohl*, que manchava o meu casaco vermelho.

Ela abriu os braços para que eu pudesse entrar no pequeno círculo por eles desenhado.

— Minha pequena, estás ferida.

Baixando-me, pousei a cabeça na pequena saliência do seu ombro e ali fiquei, um caule partido, desejando contar-lhe a tragédia que acontecera. *O meu noivado. O jovem injustamente perseguido por minha causa.* As palavras ergueram-se em mim como um horror fermentado e depois desvaneceram-se. Eu duvidava de que ela pudesse fazer alguma coisa. Onde estava o meu querido Judas?

Eu não dissera uma palavra desde que saíra do mercado. Antes de partirmos, a Mãe espetara um dedo na pele macia e inchada do meu tornozelo.

— Consegues andar? — perguntara. Fora o primeiro reconhecimento da minha lesão. Eu assentira com a cabeça, mas o percurso para casa não tardara a tornar-se uma tortura: uma pontada de dor a cada passo. Não tivera alternativa senão usar como muleta o braço grosso e peludo do soldado que restava.

O fio vermelho que eu recolhera do chão do mercado estava firmemente atado em volta do meu pulso, escondido por baixo da manga. Quando me agarrei a Ialta, vislumbrei um pedaço dele a descoberto e soube que o guardara para me recordar os poucos momentos vívidos em que apoiara o meu corpo contra o homem de olhos expressivos.

— Hoje não é dia para tristezas e consolos — disse o Pai.

— A Ana vai casar-se — anunciou a Mãe com uma alegria forçada, como que para compensar a minha exibição de tristeza. — É um pretendente honrado, e damos graças a Deus, pois é um homem bom.

As mãos de Ialta retesaram-se nas minhas costas e eu pensei num grande pássaro que me levantasse nas suas garras, levando-me por cima dos telhados de Séforis, para o seu ninho nas colinas com as suas grutas escancaradas.

Shipra abriu a pesada porta de pinho para o vestíbulo e ali estava Lavi, posicionado no interior, com uma bacia de água e toalhas para lavarmos as mãos. A Mãe arrancou-me dos braços da minha tia e empurrou-me para dentro. O salão de receções flutuava nas sombras da tarde. Equilibrando-me sobre um pé, esperei que o encandeamento da luz do dia desaparecesse para, finalmente, recuperar a voz.

— Recuso o noivado — disse, num quase sussurro. Não sabia que ia dizer aquilo; na verdade, fiquei chocada, mas inspirei fundo e repeti mais energicamente: — Recuso o noivado.

As mãos do Pai, molhadas e a pingar, ficaram paradas sobre o jarro de água.

— Francamente, Ana — disse a Mãe. — Agora também vais exhibir a tua desobediência em frente do teu pai? Não tens escolha neste assunto.

Ialta plantou-se em frente do meu pai.

— Matias, sabes tão bem como eu que a filha tem de dar o seu consentimento.

— *Tu* também não tens voz ativa no assunto — disse a Mãe, falando para as costas de Ialta.

Tanto o Pai como Ialta a ignoraram.

— Se dependesse da Ana — disse ele —, ela nunca consentiria em casar com ninguém.

— Ele é viúvo; já tem uma filha — disse eu. — Acho-o repulsivo. Preferia ser criada na casa dele do que sua esposa. Por favor, Pai, imploro-lhe.

Lavi, que tinha estado a fitar sombriamente a bacia de água, ergueu o olhar, e vi os seus olhos repletos de pena. A Mãe tinha uma aliada em Shipra — a engenhosa Shipra —, mas eu tinha Lavi. O Pai comprara-o há um ano a um delegado romano que ficara contente por se ver livre de um rapaz norte-africano mais apropriado para o trabalho de casa do que para a vida militar. O nome de Lavi significava leão, mas eu nunca lhe ouvira o mais pequeno rugido, apenas uma necessidade gentil de me agradar. Se eu partisse para me casar, ele perderia a sua única amiga.

O Pai assumiu o ar de um soberano a emitir um decreto.

— É meu dever certificar-me de que casas bem, Ana, e vou cumprir esse dever com o teu consentimento ou sem ele. Não faz diferença. Gostaria de o ter, pois as coisas correriam muito melhor dessa forma, mas, se não o deres, não será difícil convencer um rabino a presidir ao contrato de noivado sem ele.

O seu tom definitivo e a expressão dura do seu rosto dissiparam a minha última esperança. Nunca tinha visto o Pai ser tão cruel perante as minhas súplicas. Ele passou pelo escritório onde tratava dos seus negócios, detendo-se para olhar para a Mãe.

— Se tivesses desempenhado melhor as tuas funções, ela seria mais obediente.

Eu esperava que ela reagisse com a mesma violência, recordando-o de que fora ele que cedera aos meus pedidos de ter um tutor, que me permitira fazer tintas e comprar papiros, que me levava a afastar-me do caminho certo, e, em qualquer outra ocasião, ela tê-lo-ia feito, mas conteve-se. Em vez disso, virou a sua fúria para mim.

Agarrando-me num braço, mandou Shipra agarrar-me no outro e, juntas, arrastaram-me pelas escadas acima.

Ialta veio atrás de nós.

— Hadar, larga-a! — Um pedido que apenas serviu para fazer vento nas costas da Mãe.

Acho que os meus pés nem tocavam no chão, enquanto elas me levavam pela varanda, passando pelas várias portas que abriam para os nossos diversos aposentos — o quarto dos meus pais, depois o de Judas e, finalmente, o meu. Fui empurrada lá para dentro.

A Mãe seguiu-me, ordenando a Shipra que ficasse lá fora e que impedisse Ialta de entrar. Quando a porta se fechou, ouvi a minha tia gritar uma praga à Shipra em grego. Um ser belo a ter de lidar com excrementos de burro.

Raramente vira a Mãe tão furiosa. Andava de um lado para o outro, batendo com os pés, enquanto me repreendia, de faces inflamadas e bufando pelas narinas.

— Envergonhaste-me em frente do teu pai, da tua tia e dos criados. A tua vergonha recai sobre *mim*. Vais ficar aqui fechada até consentires no noivado.

Do outro lado da porta, Ialta atirava agora insultos em aramaico.

— Suína inchada... carne de cabra pútrida... filha de um chacal.

— Nunca terá o meu consentimento! — Cuspi as palavras sobre a Mãe. Ela cerrou os dentes.

— Não me entendas mal. Como o teu pai te explicou, ele garantirá que o contrato é sancionado por um rabino sem a tua permissão; os teus desejos são irrelevantes. Mas, por mim, ao menos parecerás uma filha obediente, quer o sejas, quer não.

Quando ela se aproximou da porta, senti o peso da sua insensibilidade, de estar presa a um futuro que não sabia como suportar, e ripostei sem pensar:

— E o que diria o Pai se soubesse da mentira que tem perpetuado ao longo de todos estes anos?

Ela deteve-se.

— Qual mentira? — Mas sabia a que me referia.

— Eu sei que toma ervas para não ficar grávida. Sei da linhaça e das resinas.

A Mãe disse:

— Estou a ver. E suponho que, se convencesse o teu pai a desistir do noivado, tu garantirias que essa informação não lhe chegaria aos ouvidos? É isso?

Para dizer a verdade, não me ocorrera algo tão engenhoso. Apenas

quisera magoá-la como ela me magoara. Fora ela a sugerir a ameaça e a oferecer-ma como que numa bandeja, e eu aceitei-a. Tinha 14 anos, e estava desesperada. Um casamento com o Nataniel, filho de Hanani, era uma forma de morte. Era a vida num sepulcro. Eu teria feito qualquer coisa para me salvar disso.

— *Sim* — retorqui, assombrada com a minha sorte. — Se o convencer, eu não direi nada.

Ela riu-se.

— Diz o que quiseres ao teu pai. Isso não me interessa nada.

— Como pode dizer isso?

— Porque havia de me importar que lhe digas o que ele já adivinhou?

Quando os passos da Mãe se desvaneceram, entreabri a porta e vi a sua lacaia plantada na soleira, curvada num banco baixo. Não havia sinal de Ialta.

— Também vais dormir aqui? — perguntei à Shipra, sem disfarçar a raiva.

Ela fechou a porta com força.

Dentro do meu quarto, o silêncio tornou-se uma solidão excruciante. Deitando um olhar à porta, tirei a minha taça de encantamento de baixo da cama e afastei o pano para expor as palavras da oração.

Ouvi o vento a arranhar o céu, e a luz no quarto esbateu-se enquanto as nuvens se espalhavam. Sentada na esteira, no chão, segurei a taça contra a barriga durante alguns instantes, e depois rodei-a devagar, como se estivesse a mexer silte, e fiz girar a minha oração à luz baça. Cantei-a uma e outra vez, até estar cansada de suplicar a Deus que me respondesse. A grandeza dentro de mim (que piada cruel era aquilo!) não seria abençoada, nem o seriam as minhas canetas de cana e tintas. As palavras que eu escrevera não seriam lidas por olhos ainda não nascidos. Eu tornar-me-ia a esposa esquecida de um homenzinho horrendo ansioso por ter um filho.

Amaldiçoei o mundo que Deus criara. Ele não poderia ter pensado em nada melhor do que *isto*? Amaldiçoei os meus pais por me venderem sem qualquer consideração pelos meus sentimentos, e o Nataniel, filho de Hanani, pela sua indiferença, o seu esgar, o seu ridículo chapéu roxo — o que queria ele compensar usando aquela protuberância enorme? Amaldiçoei o rabino Ben Sira, cujas palavras se propagavam pelas sinagogas da Galileia como se transportadas por anjos: «O nascimento de uma filha é uma perda. Mais vale um homem perverso do que uma mulher benfazeja.»

*Filhos de serpentes. Sacos de prepúcios apodrecidos. Carne de porco em decomposição!*

Pus-me em pé de um salto e dei um pontapé na maldita taça de encantamento e nas suas palavras vazias, retraindo-me com a dor que me atingiu o tornozelo ferido. Deixando-me cair novamente na cama, rolei para um lado e para o outro, com o corpo possuído por um lamento mudo.

Fiquei ali deitada até a minha raiva e dor se atenuarem. Acariciei o fio vermelho atado ao meu pulso, esfregando-o entre o polegar e o indicador, e o rosto dele surgiu-me na mente. Aquela sensação profunda e clara que ele transmitia. Eu e Jesus não tínhamos trocado uma única palavra, mas sentira o arrepio da intimidade quando a mão dele segurara a minha. Causara uma languidez voraz no meu âmago. Não por ele, não me parecia. Por mim mesma. Contudo, um pensamento insinuava-se-me na mente, uma sensação de que ele era tão magnífico como as tintas e os papiros, de que ele era tão vasto como as palavras. De que ele poderia libertar-me.

O crepúsculo chegou, e depois a noite. Não acendi os candeeiros.

## vii.

SONHEI. NÃO, NÃO FOI EXATAMENTE UM SONHO, MAS UMA RECORDAÇÃO a ecoar nas espirais do meu sono.

*Tenho 12 anos, e estou a estudar com Tito, um tutor grego que o meu pai contratou depois de ceder às minhas súplicas inconsoláveis. A Mãe tinha-me assegurado de que eu só teria um tutor por cima do seu cadáver mas, no entanto, não sucumbiu. Ficou viva para se insurgir contra mim, contra o Pai e contra o tutor, que não tinha mais de 19 anos e a quem ela aterrorizava. Neste dia, Tito estende-me uma verdadeira maravilha — não um rolo, mas uma pilha de folhas de palmeira secas bem unidas por um cordão de cabedal. Sobre elas, encontram-se palavras em hebraico, escritas a tinta preta, e ornamentos ao longo das margens numa cor dourada lustrosa que eu nunca poderia ter imaginado, uma tinta preparada, segundo ele, com arsénico amarelo. Inclino-me e cheiro-a. Tem um aroma estranho, como moedas velhas. Esfrego o dedo na cor e levo o resíduo aos lábios, desencadeando uma pequena erupção na língua.*

*Ele incita-me a ler as palavras em voz alta, não em hebraico mas em grego.*

*— Não consigo fazer uma coisa dessas — digo-lhe.*

*— Duvido de que assim seja. Agora comece.*

*O exercício enlouquece-me com a necessidade de parar e dissecar passagens inteiras, e depois voltar a compô-las numa língua diferente, enquanto tudo o que eu realmente quero é saber a história das folhas de palmeira, que é uma maravilha tão grande como a tinta dourada. É a história de Asenet, uma rapariga egípcia arrogante obrigada a casar com o nosso patriarca José, e da birra feroz que ela faz por causa disso. Luto com a tortura da tradução para descobrir o destino dela, o que deve ter sido, desde o início, a estratégia dele.*

*Depois da partida do Tito, levanto o meu espelho de cobre e olho para o meu rosto, como que para me assegurar de que fora mesmo eu quem realizara aquele feito impossível, e, ao fazê-lo, sinto uma ligeira dor na têmpora direita. Penso que não é mais do que o esforço de pensar tanto, mas depois sou dominada por uma convulsão no estômago e uma dor de cabeça terrível, seguida de um clarão de luz por detrás dos olhos, um brilho feroz que se incendia e engole a sala. Observo, hipnotizada, vendo-o contrair-se num disco vermelho que paira em frente dos meus olhos. Dentro dele, flutua a imagem do meu rosto, um reflexo preciso do que acabei de ver no espelho. Sobressalta-me com uma percepção ofuscante da minha própria existência: a Ana que brilha. Gradualmente, desfaz-se, transformando-se em cinzas ao vento.*

ABRI OS OLHOS DE REPENTE. A ESCURIDÃO NO QUARTO ERA SUFOCANTE, como estar dentro de uma azeitona madura e negra. Os rancos de Shipra embatiam na porta. Levantei-me, acendi um único candeeiro de barro e matei a sede bebendo do jarro de pedra. Dizia-se que dormir com uma ametista causava sonhos impressionantes. Eu não tinha tal pedra na minha cama, mas o que se desenrolara no meu sono parecia-me auspicioso e enviado por Deus. Eu sonhara com o incidente exatamente como acontecera há dois anos. Fora o acontecimento mais peculiar da minha infância, mas eu não o contara a ninguém. Como poderiam entender? Eu própria não fazia ideia do que acontecera, sabendo apenas que Deus tentara dizer-me alguma coisa.